

EROS:
A VEZ DO MITO EM
CARLOS FERNANDO MAGALHÃES

Darcy França Denófrío*

Quem acompanhou a evolução lírica de Carlos Fernando Magalhães sabe que ele, muito cedo, rompeu com os estreitos limites da práxis, arrebatando amarras e ganhando um espaço muito mais oxigenado no terreno da poesia, pois não foi daqueles "muitos poetas [que] ficaram no ato de compor e nele se alienaram", perigo para o qual advertiu Mário Chamie no posfácio de seu livro *Lavra-lavra*.

Antes de saltar felinamente para a arena do mito com esse admirável *Eros*, Editora Presença, 1986 (somando sua voz à de Yêda Schmalz, única até então a trabalhar o mito entre nós, goianos) Carlos Fernando Magalhães fez sua viagem ao lírico, ou até mesmo um exercício de aprendizagem, com *O livro do viajante*, que poucos conhecem. Esta obra contém 47 poemas líricos altamente condensados, instalados numa paisagem bucólica onde não faltam pastores nem "locus amoenus". Essa reminiscência clássica é uma peregrinação auto-imposta em busca da simplicidade esquecida nos malabarismos intelectuais da práxis.

Entretanto Carlos Fernando Magalhães, muito lúcido, foi dos poucos que souberam extrair suas lições da incursão pela práxis. Prova disto é o livro *Eros*, bem programado e de uma contensão lírica invejável.

* Do Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Letras.

Numa linguagem líquida, no melhor dos sentidos, todas as seções do livro nos são oferecidas em fluxos e refluxos, num movimento pendular que nos sugere também o amor como o mito do eterno retorno. É as vezes o amor onda que avassala e vai, mas volta sempre, com igual força (ou não) e a maré montante promete sempre outros peixes à vazante. Fluxos e refluxos são a forma como Carlos Fernando Magalhães ordena o seu lírico, feito no rastreamento desse rio da memória que flui e reflui suas águas de hoje e de outrora, ou da "vaga-lembrança" que vai e que vem, como se depreende destes versos, verdadeira sístole e diástole "Marinha": "Preso na onda, o mar/retorna na forma/ a vária cor que era./ lenta corola/ se enrola/ e volta na outra/ a água que foi."

Além disto, o mito de Narciso que o poeta recria, deve instalar-se num "locus amoenus" e numa superfície líquida. Eros, outra figura mítica, entra como mediador do mito de Narciso. Eros, ou o Amor, empresta seu nome a um livro de natureza idêntica e já se auto-define no poema de abertura, "Identidade", onde podemos surpreender vários elementos de sua caracterização mítica: "em um ovo de prata/ encasulado/ fui jogado nesta escuridão/ cego sou/ mas sou o Amor".

Como se vê, há uma série de índices evocadores da figura de Eros, mas tudo dissimulado como convém à verdadeira poesia. Nota-se, contudo, que o poeta funde duas versões do mito em questão. Uma como se vê em uma das versões cosmogônicas, a dos órficos, que apresenta Eros como fruto do Ovo primordial, engendrado pela noite, e cujas metades, ao se separarem, formaram a Terra e o Céu. Mas Eros, força fundamental do mundo, virtude atrativa que leva os elementos a se juntarem, criando (ou sustentando) a vida, aparece no poema também como o filho de Vênus, optando o poeta pela versão de Eros cego, simbologia que traduz a incapacidade do Amor (ou de quem ama) de perceber os defeitos do ser amado.

Narciso, o da fonte, o que busca a identidade, aparece, com a sua aura de extrema beleza, pela primeira vez sugerido no poema "Dedicação": "o fogo não é maior que a tua luz/ só a aurora é menos bela." Todavia é o poema "locus", o "locus amoenus" de onde salta a encarnação do mito, chamando-nos a atenção a primeira palavra (intencionalmente buscada) com que o poeta inicia o verso, associada ao título do poema: "amenas avenas/ postas sobre mesa/renda retina/ é teu verde/ úmida floresta/ de onde saíste/ para este banquete". Parte deste "locus" onde Narciso se instala é o poema ramos, onde o poeta realiza verdadeira pesquisa sobre o nome das flores e consegue alcançar um altíssimo resultado estético, através desse poema cheio de impressões visuais, táteis, olfativas, além de agradáveis recursos rítmicos e sonoros, que só podem ser fruídos numa leitura completa. Vale a pena mencionar o modo impre-

visto com que o poeta fecha o poema, explorando inteligentemente a multivocidade do signo poético, quando os nomes das flores, finalmente, são apenas sugeridos: "louco/amor-perfeito/ em tua cama deito/ o imperfeito instante/ de que é feito:/ amargas idas/ cravos no peito/ são estes ramos."

Gradativamente Narciso, antes apenas sugerido ao leitor, vai ganhando identidade nos poemas, até que, em "flor da pele", ele é nomeado: "á água se agita/ no fundo/ Narciso se debruça." Sugerido, como no poema "descrição" ou mencionado, como no poema "escrita", o mito vai-se recriando, compondo um Narciso do século XX, que poderá até aparecer entre "feixes eletrônicos", usar "jeans" e ter um "raio tatuado" no "braço direito", num ritual de autêntica modernidade.

Ao longo da obra, Narciso aparece muitas vezes referenciado metonimicamente pela palavra "fonte" e principalmente através da alusão que o poeta faz, com insistência, ao "espelho", podendo este ser das águas ou então o conhecido objeto para refletir imagens. No poema "virtual" (atentem para o título), o poeta parece buscar, como algum Narciso, a sua outra face, o seu duplo, se não a face do outro ali perdida: "espelho meu/ espelho seu/ foi sua face/ ou fui eu?" O mesmo acontece no poema "imagens": "espelhos velhos/ de perdas faces/ onde anda Narciso?"

Para concluir esta parte, chamamos atenção para a unidade e coerência com que o poeta tenta imprimir à sua obra, tomando, para a quinta seção de seu livro de poemas, uma epígrafe de Fernando Pessoa, de cunho essencialmente narcisista: "Ninguém a outro ama, senão que ama/ o que de si há nele, ou é suposto." Que isto baste!

Do mito, temos ainda a presença das três Parcas, numa bela recriação (e não mera citação) do poeta, levada a efeito no poema "são elas que", com três dísticos altamente significativos, permeando estrofes polimétricas, que remetem a um conteúdo que paira entre o existencial e o metafísico. As Parcas, divindades do Destino, são três. Láqesis, a fixadora, põe o fio no fuso da vida e determina-lhe o tamanho; Cloto, a fiandeira, sustenta e faz girar o fio dos destinos humanos desde o nascimento; Átropos, a irremovível, corta impiedosamente o fio que mede a duração da vida de cada mortal. Vale a pena conferir o talento de Carlos Fernando Magalhães na singularização deste tema, sempre atual, desde a aurora do mito até os nossos dias, quando o homem ainda perplexo reflete sobre esta espécie de poder ou força, chamada destino, que escapa totalmente ao seu controle.

Merece referência, entre outros, o poema "fresta", cheio de conotações existenciais, e que é mesmo uma fresta por onde escapa um lamento humano, se não corajoso, pelo menos com alguma dose de esperança, que sempre sustenta a odisséia do ser: "o mundo é concha/ onde o bicho/

se esconde/ com dor e medo./ em seu caracol/ sua face espreita/ a liberdade/ estreita:/ ainda vai tentar/ se por/ à força do mar”.

Como afirma Carlos Fernando Guimarães, nestes versos metalingüísticos, há “o restrito/ espaço/ deste traço” e há sobretudo “a vida não/ escrita/ da rasura” e mais ainda “a entrelinha obscura”. Portanto mesmo que o crítico tente reter “o signo no laço”, terá de reconhecer a falência do sentido que busca para o texto, admitindo, como o poeta de Eros, que “nem Édipo conseguiu o seu/ intento, pela metade decifrou/ o que não viu/ a metade da outra parte/ da montanha/ ali jamais pisou.”

Seja como for, uma coisa, no entanto, é certa. Expressando o conteúdo mítico, o metalingüístico, o erótico em tom sempre elevado, o existencial, ou até o lírico puro, Carlos Fernando Magalhães constrói, com muita fidelidade ao literário, os seus versos, e se firma, cada vez mais, como um dos inquestionáveis valores da literatura goiana de nossos dias.